



PLANOS UTÓPICOS

concretude e subjetividade da cidade

Organizadoras: Havane Melo e Nivalda Assunção



Universidade de Brasília
Instituto de Artes
Departamento de Artes Visuais

PLANOS UTÓPICOS

concretude e subjetividade da cidade

Organizadoras: Havane Melo e Nivalda Assunção

Brasília-DF
Editora Universidade de Brasília
2024

Universidade de Brasília
Instituto de Artes
Departamento de Artes Visuais

PLANOS UTÓPICOS

concretude e subjetividade da cidade

Adriana Araujo
Ana Lúcia Canetti
Anésio Azevedo
Capra Maia
Havane Melo
Karine de Lima
Léo Tavares
Nivalda Assunção
Paulo Vega Jr.
Priscilla Rampin

Brasília-DF
Editora Universidade de Brasília
2024

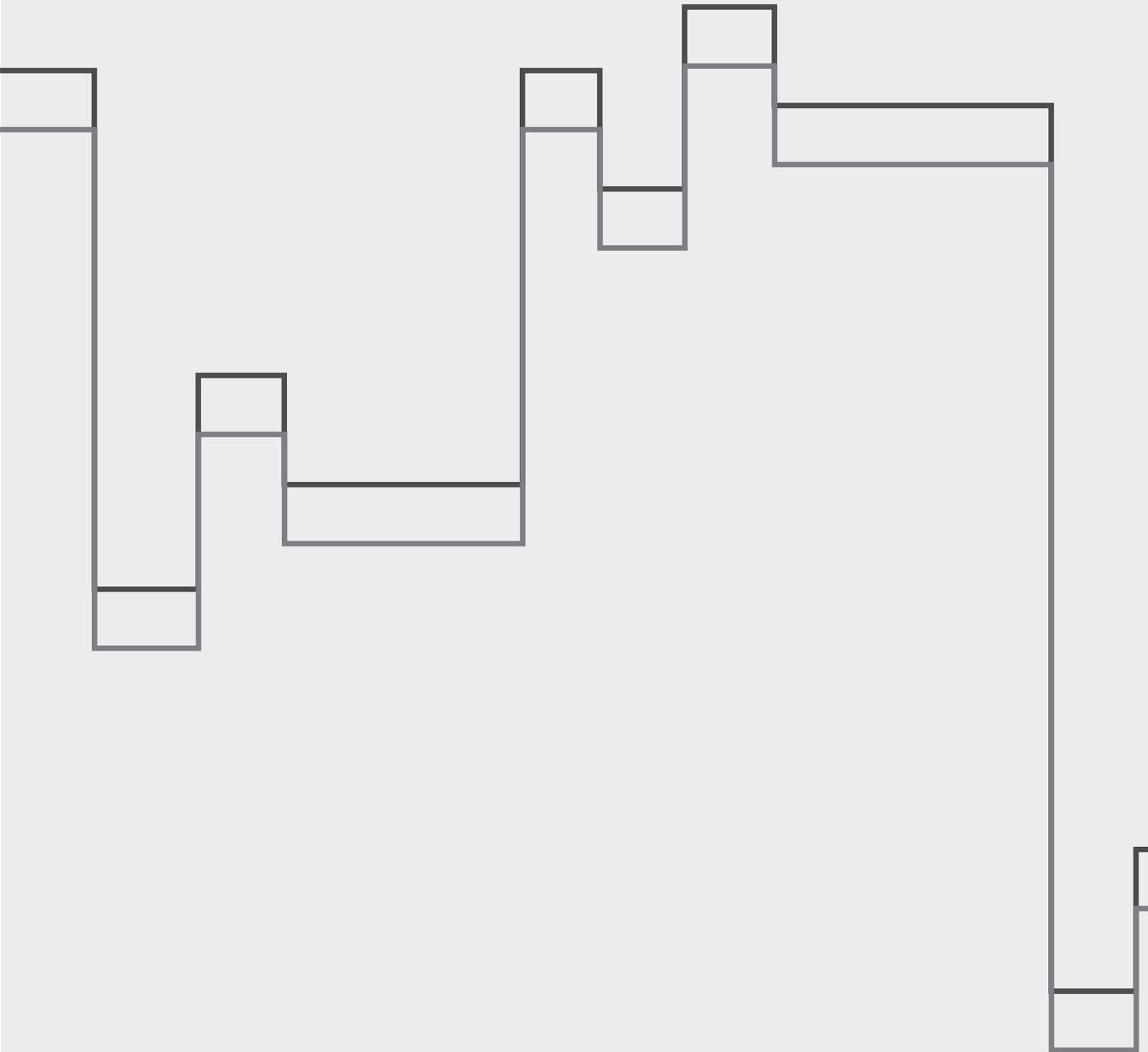
SUMÁRIO

Apresentação

| | |
|------------------------|----|
| GEPPA | 7 |
| Texto curatorial | 9 |
| MUnA | 11 |

Exposição Planos Utópicos

| | |
|--|-----|
| Capítulo 1 Do cruzamento à encruzilhada, de Adriana Araujo..... | 14 |
| Capítulo 2 Colher e transformar os restos: poéticas das cinzas em terras queimadas na capital do Brasil, de Ana Lúcia Canetti | 28 |
| Capítulo 3 espaços inquietos, de Anésio Azevedo Costa Neto (stellatum_) | 39 |
| Capítulo 4 Processos escultóricos orientados para a (des)semelhança: o modular manual de cinza sobre cinza, de Capra Maia | 46 |
| Capítulo 5 A ponte entre verdade e ficção percorrida pela captura da imagem nas obras <i>Estranhas diversões e Memórias, sombras e cicatrizes</i> , de Havane Melo | 54 |
| Capítulo 6 <i>Sobre ser céu</i> , de Karine de Lima | 68 |
| Capítulo 7 Brasília utópica, verbovisual, imaginária: cotidiano e paisagem urbana na colagem contemporânea, de Léo Tavares | 77 |
| Capítulo 8 O insólito dos planos utópicos: desvios como retratos de uma cidade, de Nivalda Assunção | 86 |
| Capítulo 9 Linhas de desejo, de Paulo Vega Jr. | 95 |
| Capítulo 10 Notas sobre a melancolia, de Priscila Rampin | 101 |
| Biografias | 114 |
| Agradecimentos | 119 |
| Ficha técnica | 120 |



CAPÍTULO 10

Notas sobre a melancolia

Priscila Rampin



Figura 1 – Priscila Rampin, vista da exposição coletiva Planos Utópicos (2023), Trabalho: *No exato instante que estava prestes a alçar voo da Terra*, instalação, 2023. Crédito da imagem: Havane Melo.

Anjo decadente que não voa, é falso, é mundano.
É a materialização da melancolia.
Voar com asas de cimento é voo que não existe. É alucinação.
Anjo inferior, mais próximo da experiência angustiante da vida.
Não é a eternidade.
É fim.

Dürer viveu em uma época em que a melancolia era compreendida como um desequilíbrio de um dos quatro humores responsáveis pela manutenção da vida e da saúde – um excesso de uma substância chamada bÍlis negra, procedente do baço e do estômago.

Considerada um autorretrato do artista, a gravura Melancolia I de Dürer, de 1514, “transmite a terrível luta entre altas expectativas e a inércia debilitante, quando a introspecção excessiva paralisa a imaginação”¹. A cabeça pesa sobre o punho, enquanto as mãos não percebem o compasso sem função; ao seu redor, uma profusão de elementos e símbolos só aumentam a inquietação e o caos. Melancolia é corpulenta e inerte, talvez inchada pelo excesso de bÍlis, e suas asas, muito menores do que supomos ser necessário para fazer planar seu corpo, não lhe servem à fuga.

A melancolia, tema do nosso discurso atual, é uma disposição ou um hábito. Na disposição a melancolia é transitória, vai e vem em cada breve ocasião de tristeza, necessidade, doença, problema, medo, paixão ou perturbação da mente, qualquer tipo de cuidado, descontentamento ou pensamento, que causa angústia, embotamento, peso e irritação de espírito, quaisquer formas opostas ao prazer, alegria, deleite, causando em nós arrogância ou antipatia. Nesse sentido equívoco e impróprio, chamamos-lhe melancolia, isto é, monótono, triste, azedo, grosseiro, mal-intencionado, solitário, de alguma forma comovido ou descontente. E dessas disposições melancólicas nenhum homem vivo é livre, nenhum estóico, ninguém tão sábio, ninguém tão feliz, ninguém tão paciente, tão generoso, tão piedoso, tão divino, que possa se justificar; tão bem composto, mas mais ou menos, uma hora ou outra, ele sente que é inteligente. A melancolia, neste sentido, é o caráter da Mortalidade... Esta Melancolia da qual devemos tratar, é um hábito, uma doença grave, um humor estabelecido, como Aureliano e outros o chamam, não errante, mas fixo: e como há muito tempo segue aumentando, então, agora que se tornou um hábito (agradável ou doloroso), que dificilmente será sanado^{2,3}.

Foi preciso recalcar a tristeza frente às adversidades dos anos de 2020 e 2021, quando não se conseguia tirar os olhos dos noticiários e apenas seguir o trilho da vida ordinária. Aparentemente imóveis, afundamos na escuridão do vale da angústia e ali ficamos sem saber. Hoje se olha para trás talvez ignorando aquele tempo. Algum poeta escreveu: o passado é um balde de cinzas.

¹ NOBLE, B. Dürer, Melencolia. n.p

² BURTON, Robert, The Anatomy of Melancholia, 1621.

³ Burton usava o pseudônimo Democritus Júnior.

Austerlitz, o narrador da história homônima de W.G. Sebald, atormentado pelas lembranças picotadas de quando criança foi tomado “da vida que lhe era familiar”⁴ pelos nazistas, vive sob os constantes ataques de ansiedade, cada vez mais fortes e frequentes, que nenhuma lucidez ou exercícios da razão conseguem serenar. De repente, conta-nos, sua boca seca, seu coração pulula e vem a vontade de gritar. Fugir.

Austerlitz não tem asas e mesmo se as tivesse é possível que fossem de cimento, como as minhas. Uma vez que as minhas foi ele que as descreveu:

Nós caminhávamos pelas trilhas entre monumentos e os mausoléus erguidos na época vitoriana em memória aos mortos, entre cruces de mármore, estelas e obeliscos, urnas bojudas e estátuas de anjos, várias delas sem asas ou então mutiladas, e petrificadas, assim me parecia, no exato instante em que estavam prestes a alçar voo da terra⁵.

A vontade de reencontrar a imensidão do mundo depois dos muitos meses de introspecção sufocante, ouvir o vento sem temer o que se anunciava, pisar o chão mineral se tornavam obsessões. Certa vez, foi possível sonhar com os picos das colinas, aos quais ascendi, no sonho, com asas. Sem voar.

Eu queria voar, mas sentia o gesto pesado demais.

Por fim, isso levou a uma desorientação e permaneci vagando pelos vales e picos, por passagens desbotadas, como se indicassem um lugar de exílio, o qual somos incapazes de descrever com precisão pois, a depender das intensidades das próprias dores-fantasmas⁶, cada um encontra o seu exílio mais próximo do cume e da luz ou da sombra e do vale. Essas coisas se misturavam em mim.

⁴ SEBALD, W.G. 2008, p. 224.

⁵ SEBALD, W.G, 2008, p. 222.

⁶ SEBALD, W.G, 2008, p. 260.



Figura 2 – Priscila Rampin, *Prestes a alçar voo da Terra* (detalhe), objeto em cimento, 70 x 110 x 5 cm, 2022, Crédito da imagem: Priscila Rampin.

Na impossibilidade desse voo alado, uma espécie de substituição foi canalizada pelo ataque vertiginoso, embora semiconsciente, da ponta seca sobre a matriz de cobre, gerando fendas profundas, linhas errantes e topografias ruidosas.

As montanhas são lugares de clima turbulento. Não é surpreendente que elas, outrora, fossem consideradas como o habitat de bruxas, demônios e dragões[...] As montanhas aparecem na categoria de natureza teimosa e incontrolável, fora do domínio humano e até, de certo modo, além da competência de Deus. Igualmente os animais selvagens e as florestas sombrias⁷.

os cumes pertencem ao espírito desde o monte Sinai e o monte Olimpo, o monte Patmos, o monte da Oliveiras, e o monte Moriah do primeiro patriarca Abraão. Vocês facilmente dão nomes a mais de uma dúzia de montes do espírito. Não se exige muita explicação para se compreender que a experiência do cume é o modo de descrever a experiência da pneuma e que a ascensão aos picos visa a encontrar o espírito ou é o impulso do espírito à procura de si mesmo.

Alguém está se afogando no mar

Dédalo, pai de Ícaro, como um grande escultor que era, criou asas feitas de penas e cera de abelha para escapar da prisão-labirinto onde ele e seu filho, Ícaro, foram mantidos pelo rei Minos.

Deixe-me avisá-lo, Ícaro, para seguir o caminho do meio; se você voar muito baixo a umidade pesará suas asas, se for muito alto, o sol as queimará. Viaje entre os extremos. E eu ordeno que você não aponte para Bootes, o Pastor, ou Hélice, a Ursa Maior, ou para a espada desembainhada de Órion: siga o caminho que eu lhe mostrar!⁹

⁷ TUAN, YI FU, 2005, p. 127-129.

⁸ HILLMAN, 1979, p. 54-74.

⁹ OVID. *Metamorphoses*, livro VIII, 1922, p. 183-235.



Figura 3 – Priscila Rampin, *Picos e Vales* (detalhe), gravura em metal, 2022, Crédito da imagem: Priscila Rampin.

Ignorando os avisos do pai, Ícaro sentiu uma incontrolável vontade de voar em direção ao sol. Suas asas derreteram e ele caiu no mar, onde encontrou seu fim.

Draper registra em pintura o momento trágico de Ícaro, cujo corpo envolto em lamentação exibe plumagem exuberante. Contradizendo o mito original, o artista, possivelmente, quis fazer voar Ícaro dando-lhe as asas do paraíso¹⁰.

Como bons humanos, esperamos que nenhuma prisão — física ou emocional — seja permanente e que de qualquer uma delas seja possível escapar. Assim como Dédalo, pai de Ícaro, inventou um método de voo por meio de asas, recorreremos às nossas estratégias de fuga.

Planejei inúmeras asas — digitais, pintadas, esculpidas — com as quais pudesse sobrevoar picos e vales e, a certa altura, com algum distanciamento, alcançasse o conhecimento do mundo novo. A utópica sabedoria.

Presumo que voar seja para deus[as].



¹⁰ As asas pintadas por Draper foram inspiradas na plumagem alongada da ave-do-paraíso, originárias da Guiné e Austrália.



Figura 4 – Priscila Rampin. *Vou te contar sobre a existência* (detalhe), fotoperformance, 21.6cm x 27.9cm cada, PA impressa em papel pólen, 2022. Exposição coletiva Planos Utópicos (2023). Crédito da imagem: Havane Melo.

Figura 5 – Herbert James Draper, *The Lament for Icarus*, óleo sobre tela, 1898, 180cm X 150cm. Crédito da imagem: Google Art Project (domínio público).

Crise do real

Hoje enfrentamos a condição de que tudo que nos rodeia pode não ser real, mas da ordem da simulação ou da hiper-realidade. A Disneylândia, diz Baudrillard, é um modelo perfeito de simulacro, atrai multidões magnetizadas pelos fluxos idealizados de luzes, máscaras, dissuasões e faz crer que do lado de fora é a vida de adulto. Mas, o que esses mundos imersivos de encantamento escondem é que “o real já não é mais real”¹¹. Cidades tomadas por redutos imaginários, — condomínios, malls, escapes, — que alimentam um modo de vida pacificado e simulado (simular é fingir ter o que não se tem¹²). Adultos submergem em arbitrariedades, diversionismos, notícias falsas, manipulações, explorações, a fim de regenerar moralidades imorais, controlar o impossível. Os fatos já não têm trajetória própria, tudo é verdadeiro ao mesmo tempo e suscetível a uma vertigem de interpretação¹³.

A instalação apresentada à coletiva Planos Utópicos, com curadoria de Capra Maia, é composta de quatro trabalhos: Vou te contar sobre a existência, uma série de fotoperformance impressa em papel pólen, linguagem artística da qual lanço mão para criar ficções ora verossímeis, ora artificiais; Picos e vales são três gravuras em metal cujas marcas e incisões sugerem os relevos minerais, as erosões severas, planaltos, depressões. Asas para não voar é uma pintura que remete à iconografia comum dos anjos, geralmente representados com asas de ave, e apresentada de ponta-cabeça como se em queda. Os anjos reais, aqueles designados como ministros do castigo aos maus e julgamento aos bons, vivem nas nuvens e desempenham um papel fundamental na resolução de conflitos: fazem descer fogo e relâmpagos¹⁴.

Prestes a alçar voo da Terra faz alusão a asas de cimento, baseadas em imagens retidas pela memória de um narrador de uma caminhada, na companhia de Austerlitz (livro homônimo já mencionado), por entre os jazigos do cemitério londrino de Tower Hamlets. Essas estátuas de anjos, diz o narrador, mutiladas pelo tempo, já não servem de monumentos aos mortos, mas como lembrança dos seus apagamentos.

¹¹ BAUDRILLARD, J., 1991, p. 21.

¹² BAUDRILLARD, J., 1991, p. 9.

¹³ BAUDRILLARD, J., 1991 p. 26.

¹⁴ TUAN, YI FU, op. cit, 2005 apud SUMMERS, Montagne (trad.), 1928, Malleus Maleficarum, 1489.



Figura 6 – Priscila Rampin, *Asas para não voar*, óleo sobre tecido, 2022, 100cm x 143cm. Exposição coletiva Planos Utópicos (2023). Crédito da imagem: Havane Melo.

REFERÊNCIAS

BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e simulação*. Tradução: Maria João da Costa Pereira. Lisboa: Relógio d'água Editores Ltda, 1991.

BURTON, Robert. *The Anatomy of Melancholia*, 1621. E-book e10800, 2004. Disponível em: <https://www.gutenberg.org/files/10800/10800-h/10800-h.htm>. Acesso em: 02 jan. 2024.

HILLMAN, James. *Peaks and Vales: the soul/spirit distinction as basis for the differences between psychotherapy and spiritual discipline*. In:

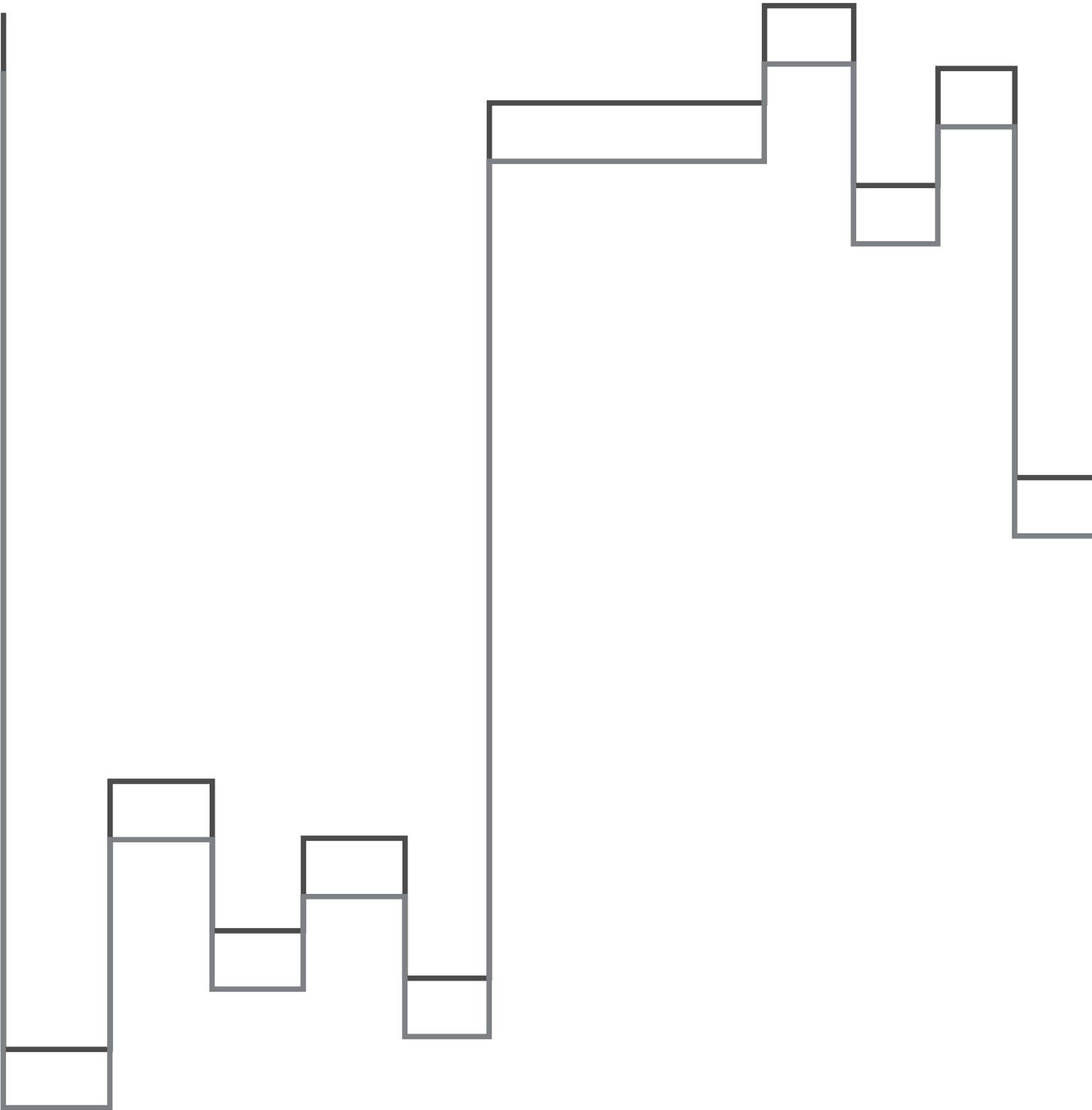
HILLMAN, James et al. *Puer papers*, 1a. edição, Washington: Spring Publications, 1979. p. 54-74.

NOBLE, Bonnie. *Dürer, Melancholia*. Disponível em: <https://www.khanacademy.org/humanities/renaissance-reformation/northern/durer/a/durer-melancholia>. Acesso em: 02 jan. 2024.

OVID. *Daedalus and Icarus*. In: *Metamorphoses*, livro VIII, p. 183-235. Tradução: Anthony S. Kline. *The Ovid Collection*. University of Virginia E-text Center, 1999. Disponível em: <https://ovid.lib.virginia.edu/trans/Metamorph8.htm#482327661>. Acesso em: 02 jan. 2024.

SEBALD, Winfried Georg. *Austerlitz*. Tradução: José Marcos Macedo, São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

TUAN, YI FU. *Paisagens do medo*. Tradução: Livia de Oliveira. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 2005.



BIOGRAFIAS



Adriana Araujo

Desenvolve projetos em Artes Visuais, atuando principalmente nos seguintes temas: arte, instalação, meio ambiente e ações artísticas conjuntas. Doutoranda em Artes Visuais pelo PPGAV da UnB. Mestre em Artes Visuais pelo PPGAV da UFBA. Professora do curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal do Oeste da Bahia.

Ana Lúcia Canetti

Doutoranda em Artes Visuais (Universidade de Brasília), mestre em Psicologia (Universidade Federal de Santa Catarina), licenciada em Artes Visuais (Universidade Estadual do Paraná – Faculdade de Artes do Paraná) e psicóloga (Universidade Federal do Paraná). Artista visual com ênfase em escultura em cerâmica. www.analuciacanetti.com

Anésio Azevedo Costa Neto (stellatum_)

stellatum_ é o nome artístico de Anésio Neto, Doutor em Artes Visuais (UnB), artista sonoro visual e professor de Filosofia no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP), onde também atua como pesquisador nos seguintes temas: Arte, Tecnologia, Ciência, Natureza e Espaço. stellatum_ explora o deslocamento espaço-temporal através de sons e imagens. Especificamente, suas composições sonoras transitam entre a música eletroacústica e a música ambiente, ora contando com paisagens sonoras naturais, ora com drones sintetizados. <https://open.spotify.com/artist/1i1zyhq7MnNKf4W7ffD7JH?si=8cVWb2ifRIGFjMsPCPtTnA>

Capra Maia

Doutoranda em Artes pela UFMG, Capra Maia investiga os efeitos que a passagem do tempo imprime na matéria por meio da atuação de agentes diversos.

Havane Melo

Professora do curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal do Oeste da Bahia. Doutora em artes visuais e mestre em comunicação pela Universidade de Brasília. Artista visual com ênfase em fotografia, vídeo e design gráfico. Pesquisa narrativas ficcionais. www.havanemelo.com

Karine de Lima

Com especialização em Gestão Ambiental Integrada e mestrado em Artes pela Unb, desde 2016 dedica-se à produção artística e aos projetos envolvendo a relação entre corpo, espaço, cidade e natureza. Atualmente coordena a implantação do programa de educação urbanística ambiental da Secretaria Municipal de Planejamento Urbano da Prefeitura de Belo Horizonte. www.karinedelima.org

Léo Tavares

Doutor em Artes Visuais pela Universidade de Brasília. Pesquisa a relação entre a palavra e a imagem. Autor de literatura, artista visual e professor. https://web.m-art.art/#/artistas/leo_tavares

Nivalda Assunção

Nivalda Assunção é Artista Visual, Arquiteta e Professora Associada do VIS/IdA/UnB. Doutorado em Arts et Science de L'art na Université Paris 1 (Panthéon-Sorbonne) e Pós-Doc na École nationale supérieure d'architecture de Paris-La Villette (ENSAPLV) GERPHAU. Pesquisa a relação entre arte-cidade-natureza, processos artísticos ancorados em escultura, performance e tecnologias digitais. Líder do grupo de pesquisa GEPPA/CNPq. <http://lattes.cnpq.br/1324439742747081>

Paulo Vega Jr.

Artista plástico/visual, Doutor em Arte pelo Programa de Pós-Graduação em Arte (PPG-ARTE), da Universidade de Brasília (UnB), área de concentração em Artes Visuais, linha de pesquisa em Poéticas Contemporâneas. Fez seu Estágio Doutoral na Universidade de Varsóvia (UW), no Instituto de Estudos Ibéricos e Ibero-americanos (IBERYSTYKA). É Mestre em Arte pelo Programa de Pós-Graduação em Arte da Universidade de Brasília. Possui Licenciatura Plena em Educação Artística - Habilitação em Artes Plásticas, pela Universidade de Caxias do Sul/UCS. Seus principais temas são: Arte Conceitual - anos 1960/1970; Arte Contemporânea; Autobiografia; Cotidiano; Identidade; Memória.

Priscilla Rampin

Artista Visual e professora do Instituto de Artes da Universidade Federal de Uberlândia. Realiza trabalhos intermídia principalmente com gravura, fotoperformance e instalação. Cv lattes: CV: <http://lattes.cnpq.br/3247217836806199>

AGRADECIMENTOS

Ao Museu Universitário de Arte da
Universidade Federal de Uberlândia
(MUnA/UFU)

A Rodrigo Freitas Rodrigues
Coordenador Geral do MUnA

Às equipes do MUnA

Ao Instituto de Artes da UFU

Ao Instituto de Artes da Universidade
de Brasília (IdA/UnB)

Aos artistas participantes do GEPPA

FICHA TÉCNICA

Exposição

Curadoria

Capra Maia

Artistas

Adriana Araujo
Ana Lúcia Canetti
Anésio Azevedo Costa Neto
(stellatum_)
Capra Maia
Havane Melo
Léo Tavares
Nivalda Assunção
Paulo Vega Jr.
Priscila Rampin

Produção executiva

Capra Maia
Karine Lima
Priscila Rampin

Expografia

Karine Lima

Equipe do MUnA

Coordenação Geral e do Setor de
Montagem e Expografia:
Rodrigo Freitas Rodrigues

Coordenador do Setor de Acervo:
Alexander Gaiotto

Coordenador dos Setores de
Programação Visual e Informática:
Douglas de Paula

Coordenadora do Setor de Educativo:
Elsiene Coelho da Silva

Coordenadora do Setor de
Comunicação:
Mirna Tonus

Participantes da montagem
Ana Luísa Melgaço Guimarães
(Bolsista)
Corinne Barbosa Caldeira (Bolsista)
Rebecca Emília de Andrade Miotto
(Bolsista)
Sofia Martins de Oliveira (Bolsista)

Livro

Organização

Nivalda Assunção
Havane Melo

Textos de Apresentação:

Nivalda Assunção
Capra Maia
Rodrigo de Freitas

Comissão editorial:

Gabriela Lafetá - UFSJ
Ludimila Moreira Menezes - UnB
Tiago Samuel Bassani - IA/Unicamp

Textos de Artistas

Adriana Araujo
Ana Lúcia Canetti
Anésio Azevedo Costa Neto
Capra Maia
Havane Melo
Léo Tavares
Nivalda Assunção
Paulo Vega Jr.
Priscila Rampim

Projeto gráfico e Fotografia

Havane Melo

Imagem da capa

Nivalda Assunção

Revisão

Léo Tavares



ISBN: 978-65-980928-4-9

CSL



9 786598 092849